7 DEZEMBRO 2024

OBRIGADO MÁRIO SOARES

“Eu sou contra todas as ditaduras e a favor da liberdade. Sem liberdade política nada se passa, só se entra, a prazo, em decadência” [**Mário Soares**]

As comemorações do ***Centenário*** do nascimento de **Mário Soares** são uma lúcida, admirável e bela jornada de homenagem a um dos fundadores da Democracia portuguesa contemporânea. Memorar o seu legado imorredouro de luta pela ***Liberdade*** e ***Democracia*** é voltar a falar no sonho dessa confraternidade cívica que em (e por) ***Abril*** une todos os Homens como Irmãos. Um ***Abril*** de utopia, um ***Abril*** de retomar a palavra, um ***Abril*** sem muros e de afetuosa solidariedade, um ***Abril*** com luzimento e de felicidade. **Mário Soares** foi um cidadão, e nosso irmão, com muita luz, possuidor de um ânimo inabalável e de coragem certa nas horas incertas. **Mário Soares** foi um dos nossos, pelo Amor da ***Liberdade***, ***Igualdade*** e ***Fraternidade***.

Obrigado Mário Soares.

[**Os Bibliotecários**]

EDIÇÃO DA BIBLIOTECA MAÇÓNICA DO BAIXO MONDEGO

100 ANOS DO NASCIMENTO DE MÁRIO SOARES

Celebram-se a 7 de Dezembro os 100 anos do nascimento de **Mário Soares**. Ele foi, sem sombra de duvidas, a figura mais marcante do regime politico instaurado com a Revolução de 25 de Abril de 74, tal como **Afonso Costa** tinha sido da I República ou **Salazar** do Estado Novo: estas são as três figuras centrais das diferentes constelações politicas do século xx português.

Nas questões fundamentais, esteve sempre do lado certo: na defesa de uma democracia pluralista contra projectos políticos autoritários nos anos de 74 e 75; na defesa da integração plena de Portugal na então Comunidade Económica Europeia, quando sectores da esquerda democrática defendiam um acordo de mera associação e a extrema-esquerda rejeitava frontalmente o projecto europeu; na primeira revisão (1982) da Constituição de 1976,lutando pela consagração de uma democracia civil e pondo termo a "dupla legitimidade" democrática e revolucionária, das instituições saídas da Revolução de Abril. Em todas estas questões teve razão desde o inicio e as suas propostas acabaram por triunfar. Mas não sem muito esforço e capacidade de luta, estando muitas vezes em minoria na opinião dominante de então e parecendo até, em certas alturas (o Congresso de Dezembro de 74, o período subsequente ao 11 de Marco, o fim da tutela militar do regime), que viria a ser arrumado na prateleira dos perdedores - e conhecido o cepticismo com que em 1975 o então Secretario de Estado norte-americano **Henry Kissinger** via a sua capacidade de influenciar a evolução da Revolução portuguesa num sentido democrático e pluralista.

Em boa verdade, a visão consensual sobre a figura de **Mário Soares** só foi adquirida com os seus dois mandatos presidenciais. Todavia, na minha opinião, se ele tivesse perdido em 86 a eleição presidencial que ganhou tangencialmente, talvez que a narrativa tivesse sido escrita de outra maneira: mas a sua importância histórica estava definitivamente adquirida, sobretudo com os confrontos decisivos no período pós-Revolução e na acção politica que conduziu à instauração de uma democracia constitucional de feição europeia. Apesar deste meu convencimento, a sua vitória nas eleições presidenciais de Janeiro de 86 foi uma das maiores alegrias politicas da minha vida - só sobrepujada pelo 25 de Abril de 74 e mesmo maior do que a vitoria do PS nas eleições legislativas de 95, após um ciclo de dez anos de oposição.

Foi já nas suas funções de ***Presidente da República*** que passei a conviver com ele mais de perto. Nas viagens que fazia ao estrangeiro notava-se nele como apreciava a distensão proporcionada por uma democracia consolidada. Dizia-me: "agora já se pode estar 5 dias fora de Portugal, sem recear que ocorra uma chatice de maior"; e recordava episódios (alguns ocorridos já durante a vigência do primeiro Governo constitucional) que poderiam ter desembocado numa "chatice de maior".

Conduzia-se como um cidadão comum, sem tiques de poder, julgo que não apenas por feitio, mas por entender que em democracia todos somos cidadãos comuns e que as honras cabem ao cargo e não ao homem que temporariamente o exerce; mas havia nele um pingo não disfarçado de vaidade quando nas idas ao cinema em Paris, sem precauções especiais, era reconhecido pelos outros espectadores; "c'est

Mário"; "c'est Mário". Paris (apesar de ter sido um lugar de exílio) exercia nele um fascínio indesmentível. Era um homem de cultura francófona (como, aliás, toda a sua geração). Afinidades especiais tinha-as sobretudo em relação a **François Mitterrand**: ele próprio era, tal como **Mitterrand**, um sibarita, um cultor das letras e um amante das coisas boas da vida. Mas justificava essa estima especial com o facto de no período difícil que foi a primeira volta das presidenciais de 85 - com as sondagens a darem-lhe inicialmente 3% das intenções de voto, e, mais tarde (milagre!) a passarem para os 8% -, **Mitterrand** lhe telefonar regularmente a dar palavras de encorajamento.

Mário Soares tinha um especial interesse pela politica internacional e, sobretudo pelo processo de construção europeia. Para ele, que tinha uma intuição politica excepcional, o fim da União Soviética não constituiu uma surpresa absoluta: tinha visitado Moscovo poucos anos antes e constatado que a paralisia económica do País não poderia deixar de ter efeitos políticos de monta. O que ele não esperava era o aparecimento de uma personalidade politica como Gorbatchov e o efeito de aceleração que esse aparecimento provocou.

A seguir, veio o alargamento e o aprofundamento institucional da União Europeia. Eram os "anos dourados" da ***Presidência Delors*** e do caminho que levou à criação da moeda única. Por essa altura, eu era Secretário Internacional do PS e vice-Presidente do Partido Socialista Europeu, procurando manter-me ao corrente do que era discutido em Bruxelas. **Mário Soares** convidava-me frequentemente para almoçar em Belém, "trocando" eu algumas pequenas informações sobre o que se passava nos bastidores por magnificas "pequenas histórias" da vida política portuguesa ao longo de todo o século XX - **Mário Soares** tinha convivido com os amigos do seu Pai, **João Soares**, e começara a ter percurso político próprio desde os finais da Segunda Guerra. E tinha sido sempre amigo de escritores e artistas. Era um fascinante conversador e tinha uma memória extraordinária para os pormenores.

Lembro-me que uma vez, depois de ter "bebido" uma dessas magníficas lições de história não livrescas, voltei ao Parlamento e fui jantar com o então Presidente do PS, **António Almeida Santos**. Na ainda relativa "verdura" de então, manifestei-lhe o meu espanto pela vastidão da cultura de **Mário Soares**. **Almeida Santos** corrigiu-me paternalmente: "Não se iluda, José Lamego. Ele tem é muito mundo!". Era verdade: perante o carácter relativamente provincial mesmo dos melhores espíritos do seu tempo, resultante da clausura em que o Pais tinha vivido durante mais de quatro décadas, **Mário Soares** - para além de "socialista, republicano e laico", como gostava de se definir - representava o contraponto do País "salazarento" , beato e "orgulhosamente só". Marcou a sua época e marcou-nos a todos nós!

José Lamego, Dezembro 2024

SOARES/TIVOLI 6/12/90 Alfredo Cunha

Mário Soares “detestava o bajulador” *

Eu tive o meu momento de confronto com **Mário Soares** no final de 1990, quando fui responsável pela campanha do ***MASP II*** na região de Lisboa. Sabia que ele respeitava quem lhe fizesse frente e não o desiludi. Num dia em que algo correu mal (numa passagem noturna por Odivelas), na primeira paragem da caravana, meteu-se numa sala comigo e com mais alguns e, de dedo espetado em frente ao meu nariz, disparou: “você foi o responsável” e, acrescentou, “fez de propósito” (algo que eu não podia aceitar). Serenamente, respondi-lhe: “fiz, mas não volto a fazer, sr. Presidente”. Ele percebeu que o meu “fiz” queria dizer que fiz, sim, o melhor que podia e que me ia embora da campanha. (A sua reação, pensei, tinha que ver com os meus confrontos com o **João Soares**, uns meses antes, por discordar que fosse ele o candidato à Câmara de Lisboa, nas eleições que **Jorge Sampaio** acabou por ganhar). Uma hora depois, o **Gomes Mota** telefonou-me: “você vai à reunião de amanhã!”. Fui, para afirmar que só ficava se o Presidente dissesse que queria que eu ficasse. Telefonou-lhe, à minha frente, e Soares disse que não era tempo para fazer mudanças e que me deixasse de fitas (não sei se foram estas as palavras, mas foi a ideia que o diretor nacional da campanha me transmitiu). Fiquei e, no último dia, organizamos (eu e o **Miguel Coelho**, que me coadjuvava) a melhor descida do *Chiado* da história. Já na *Rua Augusta*, de braço dado com o **Gomes Mota** (que me contou o episódio), apontando para nós, desabafou: “os gajos são bons; é preciso é apertar com eles”.

O episódio da explosão de **Soares**, por causa de *Odivelas*, e da minha demissão foi relatado em alguns jornais, que me quiseram ouvir sobre o assunto. A única coisa que eu disse foi que o Presidente tinha razão porque reagiu a algo que correu mal. Um desses jornais (o *Independente*, creio), ouviu também **Maria Barroso**, que comentou: “Vasco Franco portou-se com muita dignidade”. Que saudades de ambos.

- (António Campos, in Público, 1-12-2024)

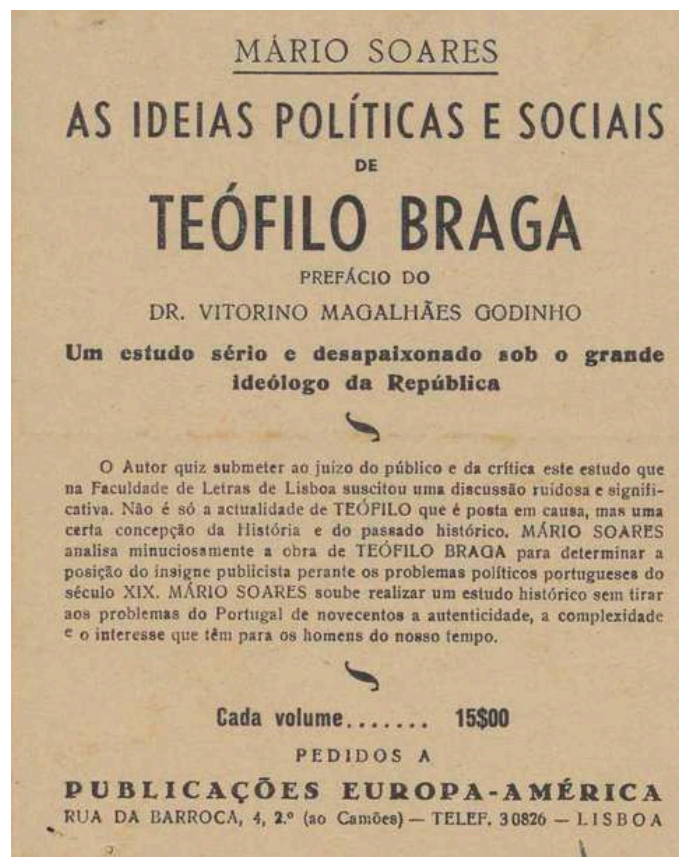
Vasco Franco, Dezembro 2024

Eu conheci Mário Soares ...

…na adesão ao PS com o **António Campos** e depois na campanha eleitoral para *Assembleia Constituinte*, onde ambos viríamos a ser eleitos deputados. Começou aí uma peregrinação que se mantém para além da morte. Nem sempre de acordo, às vezes, mesmo em desacordo, como o foi na primeira candidatura de **Eanes** à Presidência. Nada impediu, que cada um em seu galho, fosse além da Taprobana. Ele como Pai da democracia, eu como "fiel aio do regime democrático”. Já, como Primeiro-ministro, à chegada duma viagem parlamentar à URSS, que deus haja, chamou-me para fazer de mim ***Governador de Évora***, espaço, para onde ninguém queria ir, dando-me como compensação, uma visita, a pretexto, das melhores bifanas do mundo, que se comiam em *Vendas Novas*. Enquanto lá e depois de lá, fizemos o que pudemos, como lembrava **Miguel Torg**a: "quem faz o que pode, faz o que deve".

100 anos, não é brincadeira nenhuma. **Fernando Valle** chegou aos 104. No centenário, fui incumbido de o evocar "em prancha" e "em loja”. Hoje, evoco de forma exaltante **Mário Soares**, como um dos ***sublimes Egrégios da República Portuguesa***.

Manuel da Costa (da Quinta), Dezembro 2024

***

Mário Soares também foi iniciado

Mário Soares é a figura central da democracia portuguesa. O centenário do seu nascimento desencadeou um volumoso conjunto de iniciativas com comemorações de vários quadrantes políticos, partidários, artísticos, literários ... e agora maçónicos. ***É que Mário Soares também foi iniciado!***

A maçonaria nunca lhe foi estranha. O seu pai, **João Lopes Soares**, padre mas não em exercício, havia sido iniciado na ***Loja PAZ*** em 1911, com o nome simbólico de **Rousseau**, transitando depois para a ***Loja LIBERDADE***, atingido o 32º grau do Rito Escocês.

Exilado em França e cercado de resistentes, entre os quais figuravam membros da maçonaria francesa, **Mário Soares** é encaminhado, numa noite parisiense dos inícios de 1971, pelo seu amigo **Jorge Reis**, ex-militante comunista e obreiro da ***Grande Loja de França***, à porta do templo onde funcionava a ***Loja nº 646 "Les Compagnons Ardents"***, do Rito Escocês Antigo e Aceito, a Oriente de Paris. Aí foi iniciado, cerimónia que achou "terrível: a sala escura e eu deitado no chão ao lado de uma caveira, abrem-se as luzes e vejo quatro tipos com espadas apontadas para mim". Estiveram presentes, a seu convite (?), **Vasco da Gama Fernandes**, **António Macedo** e **Dias Amado**.

Apesar de não ter sentido benefícios com a sua entrada, **Soares** viria a reconhecer que fora uma experiência humana interessante e aí mesmo indicou para iniciar **Coimbra Martins**, então diretor da biblioteca da *Gulbenkian* em Paris. **Mário Soares** reconhecia a maçonaria, especialmente a francesa, como "uma escola de humanismo e das chamadas "virtudes republicanas" e "a fraternidade maçónica proporcionava alguma influência em certos meios e excelentes contactos". Mais tarde viria a afirmar que isso era mais teórico do que prático.

Embora o ***Grande Oriente de França*** fosse considerado "mais à esquerda", a ***Grande Loja de França*** possuía melhor informação sobre a situação portuguesa e mais disponibilidade para adoptar a causa – "foi mais activa, foi mais longe, auxiliou mais" que o ***Grande Oriente***, chegando a criar um núcleo de portugueses empenhados na luta pela liberdade em Portugal. **Mário Soares** sempre referiu, mais tarde, o seu desinteresse pela adesão à Maçonaria mas não deixou de aproveitar a sua pertença para, dirigindo-se aos seus irmãos numa sessão de Loja em 1972, lançar um grande repto à maçonaria francesa para que estivesse atenta e desse o seu apoio às lutas subversivas que de várias formas se travavam com o objectivo de derrubar o regime político vigente em Portugal.

Manuel Seixas, Dezembro 2024

Júlio Pomar Estudo para o retrato de Mário Soares, 1992

Uma grande figura da nossa história moderna

Nos 80 anos de **Mário Soares** dissemos no blog ***Almocreve das Petas*** [10/12/2004] que **Mário Soares** era o “avô” que estimávamos ter; que era um luminoso cidadão que nos desperta para episódios admiráveis da nossa vida e nos enche o coração em dias de amargura, em tempos de tormento. Hoje, ouvindo e (re)lendo histórias de antanho, sabemos que o seu humanismo, o seu entusiasmo pela restauração da democracia pátria e o seu laborioso percurso de cidadania plena fê-lo caminhar de rosto levantado e de alegria na alma, mesmo nos dias mais cinzentos.

Na verdade, **Mário Soares** foi um homem do porvir, um fiador da nossa liberdade (“mesmo que ela só proceda de nós”), um vigilante, um lutador orgulhoso da ***Res Publica***. Homem insubmisso, espírito combativo, lutador enérgico, **Mário Soares** foi uma grande figura da nossa história moderna. A luz alumiada do seu caminho (mesmo em tempos desditosos) soube-lhe conceder elevados estímulos de defesa da **liberdade** (seu fecundo hábito), o pragmatismo de um sonhado mundo de **fraternidade**, onde os deveres cívicos republicanos e laicos cumprem com vigor o seu dever. Acresce a isso o seu arrebatamento pelos livros e a bibliofilia, pelas obras de arte de pintura e escultura e pela cultura em geral, fazendo jus ao que tão bem nos soube dizer: “a cultura é o sal da democracia.”

Hoje, nos ***100 anos do seu nascimento***, evocamos com profunda saudade a memória de **Mário Soares**, honrando a generosa tradição republicana, democrática e laica.

Saúde e Fraternidade, dr. Mário Soares.

José Manuel Martins, Dezembro 2024

Uma referência à herança maior que **Mário Soares** soube legar, transformando o seu património em usufruto universal - a criação da **Fundação** que hospedou o seu espólio e o da sua companheira de sempre, **Maria Barroso**, depois ampliada com doações várias. O Arquivo, a Biblioteca, as colecções, a Casa-Museu são motivo de orgulho pelo que representam e pela sua utilidade, sendo hoje indispensáveis ao trabalho e investigação de milhares de cidadãos do mundo. **BEM-HAJA, MÁRIO SOARES!**

DISCURSO À MAÇONARIA EM FRANÇA

Em 4 de Dezembro de 1972, numa sessão da Loja ***Les Compagnons Ardents***, de Paris, da ***Grande Loja de França***, **Mário Soares (MS)** pronuncia um discurso – uma prancha – em que, dirigindo-se aos seus irmãos "em vossos graus e categorias", **MS** começa por caracterizar as sociedades peninsulares, com longa história de regimes antidemocráticos, como atrasadas e retrógradas, ainda que com nichos de progresso. Por isso pensa que o problema principal, a etapa a percorrer é a da conquista da democracia e das liberdades – sindicais e políticas, e não tanto a da passagem ao socialismo.

Além de razões estruturais, **MS** aponta a geografia ibérica como impeditiva de uma revolução socialista, como por exemplo Cuba, pois situando-se numa zona de convergência das duas esferas de influência – EUA e Europa – provocaria um desequilíbrio das forças mundiais (agravada pela projecção ibérica na América Latina e em África). Devem pois ser primeiro integradas num mundo democrático ocidental e, ainda que de uma forma original, seguir o caminho dos outros países europeus ocidentais na via socialista.

Sublinha que a sua prelecção, deve ser uma introdução ao debate que se segue aos ágapes, tradição da Loja ***Les Compagnons Ardents***. **MS** denota conhecimento do funcionamento e hábitos daquela fraternidade, aproveitando a oportunidade para facultar informação sobre o que designa por **GRANDES QUESTÕES**.

MS apresenta o **quadro institucional português** – uma ditadura instalada em 1926, sem partidos, associações políticas, sem maçonaria, sem sindicatos; censura, suspensão de liberdades e garantias individuais, prisões, deportações, despedimentos e até aniquilamento de oposicionistas; criação do estado corporativo e do Império colonial; a realização de eleições de partido único; a falsa evolução "na continuidade" e a cosmética marcelista.

Depois caracteriza a **situação económica** - o equilíbrio orçamental, a moeda forte e a manutenção da ordem como sustentáculos do mito de **Salazar** e a sua triste consequência de um país pobre e atrasado, com estruturas retrógradas e pouco desenvolvidas, um crescimento perto da estagnação, uma distância progressivamente maior dos países desenvolvidos, um protecionismo arcaico, uma industrialização condicionada aos interesses monopolistas, uma agricultura muito atrasada.

Referindo as **guerras coloniais** como uma verdadeira catástrofe que consome metade dos recursos nacionais, absorve a juventude na guerra ou a expulsa pela deserção, provoca isolamento internacional, e mantém os privilégios das classes dirigentes. Refere ainda as políticas racistas silenciadas com a cedência de recursos a multinacionais de grandes potências.

Relembra Portugal como **país de emigração**, cujas grandes receitas equivalem ao custo da guerra colonial, pagando-a, portanto. Afirma o homem como o principal produto de exportação português e o êxodo da população abandonando os campos e as indústrias, salientado o estado de insuficiência cultural e profissional, abandono, pobreza e privação em que vivem os emigrantes portugueses nos países ricos.

Caracterizando a **opção política** de base como responsável por todos os grandes problemas de Portugal, **MS** propõe a mudança de regime como solução única possível. Não há qualquer possibilidade de mudança através da Constituição ou da Assembleia Nacional; o poder autocrático não reconhece a oposição e a censura tudo impede. Nota-se entretanto o aparecimento de uma escalada de violência, com sabotagens e atentados.

MS conclui pela necessidade de uma **estratégia global de unidade** em torno de objectivos comuns antifascistas: reconquista de liberdades políticas, abolição do corporativismo, contra o colonialismo e pela autodeterminação das colónias. Todos concordam na necessidade de obrigar o regime a ceder naquilo que nunca dará de livre vontade: a liberdade. Há pois necessidade de um plano conjunto de pressão das massas populares, organização política da resistência e acção revolucionária.

Tendo que ser obra dos portugueses, este combate tem que ser apoiado internacionalmente. É necessário quebrar apoios e cumplicidades internacionais, isolar Portugal diplomaticamente, obrigar a cumprir a **DUDH**, impedir a associação ao mercado comum e pedir a saída da **OTAN** que teria sido criada para defender a democracia e a liberdade.

Constata-se o crescimento de movimentos oposicionistas, no plano económico, social e também militar, não podendo excluir a aproximação de um golpe militar nos próximos meses.

É necessário que a luta contra o fascismo tenha solidariedade internacional, que a luta pela democracia seja indivisível, que os oposicionistas sintam que os ditadores, os colonialistas, os fascistas não são defendidos e ajudados pelos estados democráticos. Igualmente a necessidade de apoio e integração dos emigrantes na vida sindical e na cidadania democrática.

Finalizando, **MS** realça a importância dos socialistas como único caminho da liberdade, de humanismo e de democracia, alternativa desejável quer aos partidos estalinistas quer aos chamados socialistas revolucionários.

Nesta luta, **Màrio Soares** apela para que a Franco-maçonaria, como escola de livre-pensamento e de tolerância, lugar de encontro de homens preocupados com o aperfeiçoamento moral e progresso social, esteja consciente e preste a ajuda necessária e adequada ao trabalho que nos subterrâneos se vai realizando para a transformação desejada.

[**Manuel Seixas**, anotação de um extracto do livro de **Mário Soares**, **Cartas e Intervenções Políticas no Exílio**, Temas e Debates, 2014 (reimp.), *Discurso à Maçonaria em França*, pp 97-116]

***

SOBRE ... MÁRIO SOARES

“Fui motorista de **Mário Soares** durante 30 anos. Comecei durante a campanha para a Presidência da República em 1986. E desde então que o acompanhei sempre, até ao final da vida dele. Soares engraçou comigo, como sou alentejano, talvez tenha sido pela minha maneira de falar. [...] Ora, ele gostava de andar de bicicleta, tinha uma bicicleta no Palácio de Belém, e dava umas voltas pelo jardim lá atrás. E também gostava muito de fazer caminhadas, [...] Uma vez, estávamos a fazer uma caminhada, ali entre a Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa e o Hospital de Santa Maria, e o tema de conversa era a ***PIDE***. Ele estava a contar-me as histórias de quando era detido, os maus-tratos que lhe faziam, a tortura do sono, ainda era doloroso para ele falar sobre isso. E dizia-me então que, uma vez, os tipos da ***PIDE*** queriam que ele falasse à força e que ele não dizia nada. Às tantas, durante um interrogatório, ficou tão desesperado que se virou a um ***PIDE***. Ao contar-me a história, exemplificou em mim o que fez ao ***PIDE***. Agarrou-me pelas golas do casaco, começou a abanar-me, a abanar-me. E nisto, as pessoas que iam a passar começaram a gritar “Ó bochechas, larga o homem, não batas no homem”. Aí, ele vira-se para mim e diz-me: “Já viu aquelas bestas, Branquinho? Eles não sabem que somos amigos” [**Luís Branquinho**, motorista de Mário Soares, in JN]

“Eu acho que **Soares** pertence a uma geração de ouro, à geração de todos os centenários que temos vindo a celebrar, de gente nascida entre 1919 e 1930: a **Sophia**, o **Sena**, o **Saramago**, o **Cesariny**, a **Natália**, a **Agustina**, o próprio **Eduardo Lourenço**, o **Pomar**, o **José-Augusto França**... Esta é provavelmente a geração de ouro do século XX. Se calhar tem que ver com o facto de, na sua juventude, terem vivido a guerra, as esperanças da guerra, o susto da guerra – foram moldados pela guerra, talvez” [**José Manuel dos Santos**, in Negócios]

“De **Soares** recebemos a cólera do sagrado direito à indignação perante o que é indigno. E uma gargalhada para nos rirmos da mediocridade” [**José Manuel dos Santos**, in Negócios]

“Um amigo que não esqueço é **Mário Soares**, [...] Depois da sua presidência fizemos uma viagem épica a Moscovo, com **Vítor Alves** [...] Começou por ambos termos sido presos na fronteira, porque havia um erro qualquer no visto de entrada. **Vítor Alves** passou sem problemas [...] Do outro lado da fronteira, o embaixador aflito, sem saber o que se passava, até porque ninguém dava qualquer explicação. Eu tentava explicar, num russo macarrónico, que ali estava o “presidente” de Portugal e era tratado como se dissesse que era o **Napoleão**. Algum tempo depois libertaram-nos sem qualquer explicação e começou uma viagem única, […] A melhor imagem dessa viagem é uma fotografia tirada na Lubianka, em frente da sede do ***KGB***, comigo e **Soares** de punho erguido e **Vítor Alves** sem perceber nada do que se passava” [**José Pacheco Pereira**, in Público]

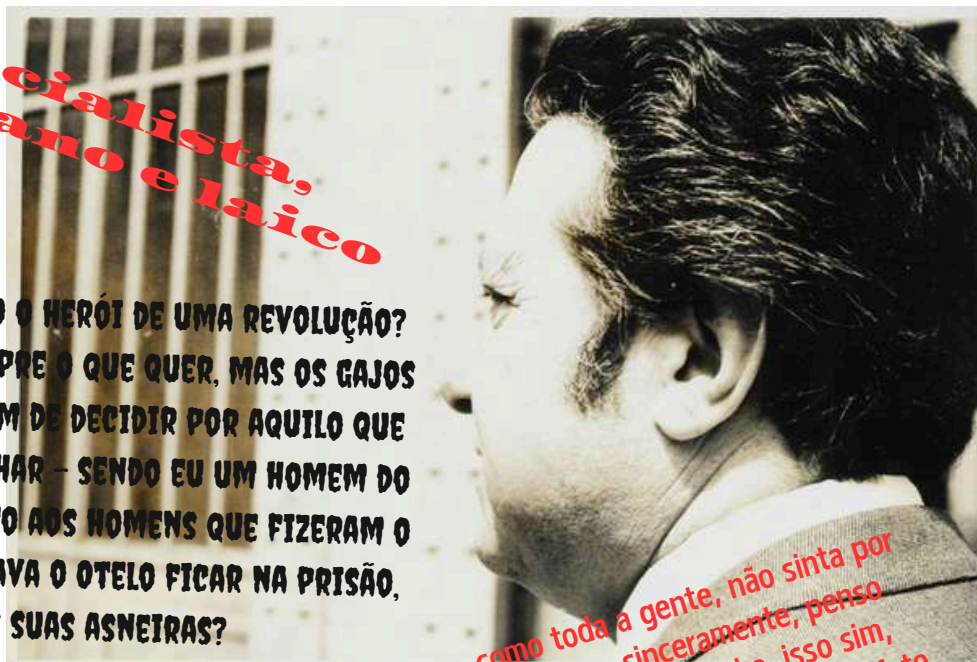
“Em maio de 1987, **Mário Soares** efetuou uma visita ... aos Estados Unidos da América ... tendo recebido um doutoramento Honoris Causa pela Universidade de Brown […] junto a Mário Soares, foram laureados **Stevie Wonder** [e outros mais] **Stevie Wonder**, então com 37 anos, foi o último a chegar […] **Mário Soares** não o reconheceu imediatamente. “Senhor presidente, é aquele músico americano que canta o ‘I just call to say I love you’” disse eu .... Os funcionários do protocolo ... procuravam, entretanto, organizar o cortejo, que deveria dirigir-se até à Reitoria onde teria lugar a cerimónia e que **Mário Soares** deveria abrir […] quebrando o protocolo, **Mário Soares** pegou no braço de **Stevie Wonder** e trouxe-o consigo para a primeira fila do cortejo e, lá foram os dois de braço dado ... conversando e saudando a multidão que aplaudia. Quando a cerimónia terminou disse ao presidente **Mário Soares**: “Pareceu-me que vinha a conversar com o **Stevie Wonder**. Ele fala alguma coisa de português?”. “Não, não fala nada”, respondeu. “Então como é que conversaram?”, perguntei. “Muito simples, eu repeti-lhe aquilo que você me disse, I just call to say I love you, e acrescentei, from Portugal, ele riu e ficámos amigos. [**Ana Paula Zacarias**, in JN]

“**Soares** ... correspondia-se com **António Sérgio**, **Jaime Cortesão**, **Vitorino Magalhães Godinho** e **Joel Serrão** [...] achava ... que o texto "Causas da Decadência dos Povos Peninsulares nos Últimos Três Séculos" ..., de **Antero de Quental**, se tinha mantido atual [...] Mas também considerava que os intelectuais da Geração de 70 tinham uma visão desdenhosa e pessimista do país, enquanto ele achava que éramos um grande povo” [**José Manuel dos Santos**, in Jornal de Negócios]

Eu não acredito na imortalidade. Mas acredito na memória, na memória histórica [M. Soares]

Não sou líder. Sou um cidadão normal, que se vê como tal e que de vez em quando dá umas opiniões

Sou socialista, republicano e laico

QUEREM ATIRAR ABAIXO O HERÓI DE UMA REVOLUÇÃO? TODA A GENTE ACHA SEMPRE O QUE QUER, MAS OS GAJOS QUE TÊM DE DECIDIR TÊM DE DECIDIR POR AQUILO QUE PENSAM. PODERIA EU ACHAR – SENDO EU UM HOMEM DO 25 DE ABRIL, SENDO GRATO AOS HOMENS QUE FIZERAM O 25 DE ABRIL – QUE DEIXAVA O OTELO FICAR NA PRISÃO, APESAR DAS SUAS ASNEIRAS?

A vida é sempre curta. O que é preciso é que a gente viva com dignidade e deixe uma memória simpática do que fez. Sobretudo as pessoas vivem no coração dos seus amigos.

Não lhe posso dizer que, como toda a gente, não sinta por vezes o impulso da vaidade. Mas, sinceramente, penso que ela não é o meu principal defeito. Tenho, isso sim, pequenas vaidades: usar uma linda gravata, vestir um fato com um corte especial, ouvir os meus amigos dizerem-me certas coisas simpáticas

Pessimista? Nada! O estado do país é uma infâmia! Mas há-de mudar, os portugueses são óptimos!

Gosto de olhar o mar e o Tejo. A coisa que mais recordo do Palácio de Belém, onde nunca passei uma noite, e estive lá dez anos a trabalhar, é aquela varanda voltada para o Tejo

Deus? Isso nunca me vem à cabeça! E o meu pai era padre

A especulação metafísica interessa-me muito, eu não acredito é na imortalidade da alma. Acredito na memória, e que a memória possa transmitir-se de pessoa em pessoa. Mas essa mesma memória, que é muito afectiva, na primeira geração é total, na segunda é diluída, na terceira geração quase desaparece.

Não sou dado a chorar. Às vezes caem-me lágrimas, mas é só por ter qualquer coisa nos olhos

Eu? Não! Eu sou um pobre homem que teve a sorte de ter tomado posições e de ter sido auxiliado por muita gente. Tive a sorte de ser amigo de António Sérgio, de Jaime Cortesão ...

Eu? Não! Eu sou um pobre homem que teve a sorte de ter tomado posições e de ter sido auxiliado por muita gente. Tive a sorte de ser amigo de António Sérgio, de Jaime Cortesão ...

O nosso amigo Agostinho da Silva chamava-me «Danton», um dos heróis da Revolução Francesa, o tipo da Liberdade, que está muito bem descrito n'«Os Miseráveis» do Victor Hugo

Tenho o que Pascal chamava de «sprit finesse»; quer dizer, a capacidade intuitiva de olhar para uma pessoa e a compreender

MÁRIO SOARES - 100 ANOS